

CÂNDIDO, Antônio — **Tese e Antítese**. São Paulo, Companhia
Editôra Nacional, 1964, 167 pp.

O A. dos volumes da **Formação Histórica da Literatura Brasileira**, enfeixou agora em livro alguns ensaios, estudando figuras da literatura nacional e de outras literaturas, na preocupação do levantamento de problemas de ordem literária e sociológica.

Os trabalhos são os seguintes: "Da Vingança", com observações acêrca do romance **O Conde de Monte Cristo** de Alexandre Dumas; "Entre Campo e Cidade", estudo de um nôvo ângulo da obra de Eça de Queirós; "Catástrofe e Sobrevivência", que consubstancia apreciações críticas acêrca dos problemas literários da ficção de Joseph Conrad, autor de **Lord Jim** e "**An Outcast of the Islands**". Os dois ensaios seguintes são dedicados a ficcionistas brasileiros. São êles: «Os Bichos do Subterrâneo», dedicado a Graciliano Ramos e «O Homem dos Avessos», uma interpretação crítica do romance **Grande Sertão: Veredas** de Guimarães Rosa.

Finalmente, o último ensaio, "Melodia Impura" que, como o próprio A. reconhece foge à linha dos outros e trata de aspectos das preferências musicas de Stendhal, o romancista de **Le Rouge et le Noir**.

Antes de passarmos à consideração dos ensaios, prôpriamente ditos, faz-se mister uma advertência, a nosso ver, de interêsse para a compreensão dêstes trabalhos de A. C.

Primeiramente, note-se o cuidado no levantamento de valores dos assuntos e personagens, dentro de orientação fundamentalmente crítico-literária. Em segundo lugar, a tendência de situar alguns problemas, colocando-os num contexto social em que se põem os temas. Está claro, isto é devido ao fato de, sobre ser A.C. um arguto crítico da literatura, profundo sociólogo.

Ainda uma terceira observação. Veja-se a extrema facilidade com que o A. associa problemas de uma literatura com outras num processo de estudo comparativo, se assim podemos chamar, sômente possível ao estudioso que satisfaça a dois requisitos: constante leitura e grande in-

tução, para estabelecer as relações entre as obras literárias e os tratamentos dos temas.

Fechemos agora os parênteses e vejamos os ensaios.

Na escolha dos temas e autores, A.C. distribuiu bem, apreciando dois romancistas brasileiros, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, um português, Eça de Queirós, um inglês, Joseph Conrad e um francês, Stendhal, demonstrando sua versatilidade no pronunciamento crítico acêrca de tão variadas figuras.

Dois óbices tiveram de ser transpostos para atingir-se a unidade dos ensaios. Primeiramente, o fato dos romancistas estudados pertencerem a séculos diferentes e apresentarem, como é óbvio, problemáticas diversas. Em segundo lugar, elemento ponderável, a nosso ver, a reunião de figuras de várias literaturas.

No prefácio à obra, o A. destaca, numa síntese precisa, aquilo que concorre para a unidade dos estudos. Afirma, em dado momento:

“Os ensaios deste livro foram compostos independentemente, em várias épocas, mas têm certa afinidade entre si, pois abordam problemas de divisão ou alteração, seja na personalidade do escritor, seja no universo da sua obra.

Dos trabalhos propostos em torno de escritores brasileiros, o referente a Graciliano Ramos destaca o processo evolutivo nos romances, na interiorização das personagens, numa linha que começaria com *Caetés*, atravessaria *São Bernardo* e levaria à culminância em *Angústia*. *Vidas Secas*, com sua problemática do homem vencido pela natureza agreste do sertão, aqui invencível e invencido, estaria à parte, juntamente com o livro de contos *Insônia* e as *Memórias do Cárcere*, além de *Infância*, misto de ficção e autobiografia.

A.C. ainda destaca uma distinção, através do foco narrativo, em *Vidas Secas* e na coleção de contos, *Insônia*.

Assinala A.C. à certa altura:

“Em primeiro lugar a série de romances escritos na primeira pessoa — *Caetés*, *S. Bernardo*, *Angústia*, que constituem essencialmente uma pesquisa progressiva da alma humana, no sentido de descobrir o que vai de mais recôndito no homem, sob as aparências da vida superficial.” (p. 97).

Mais adiante:

“Em segundo lugar as narrativas feitas na terceira pessoa, — *Vidas Secas*, os contos de *Insônia*, — comportando visão mais destacada da realidade, estudando modos... de ser e condições de existência, sem a obses-

siva análise psicológica dos outros. Em terceiro lugar encontramos as autobiográficas, — **Infância, Memórias do Cárcere**, — nas quais a subjectividade do autor encontra expressão mais pura e elle dispensa a fantasia, para se abordar directamente como problema e caso humano.” (pp. 97-98).

No estudo dos três romances, **Caetés, São Bernardo e Angústia**, A.C. partindo de um resumo fundamental das histórias, passa para o desenvolvimento de algumas idéias criticas e chega a demonstrar o processo evolutivo do que chamou “bicho dos subterrâneos», alcançando inteiramente o propósito colimado desde o início do ensaio.

No trabalho dedicado a Guimarães Rosas, estudando **Grandes Sertão: Veredas**, o A. parte de uma afirmação em tom altamente elegiaco, quando diz:

“Na extraordinária obra-prima, **Grande Sertão: Veredas**, há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado.” (p. 121).

Após várias considerações no processo de tomada das coisas sertanejas, A.C. acentua que o romancista supera o elemento meramente rústico e atinge uma afirmação universal dos problemas.

Lembra o ensaísta que Guimarães Rosa acaba «mostrando que o pitoresco é acessório e que na verdade o Sertão é o Mundo» (p. 122).

Posteriormente o A. passa ao estudo dos valor simbólico das criaturas e da paisagem, chegando à conclusão de que o Sertão, no final das contas sintetiza as grandes forças do bem e do mal, através das três grandes forças: o meio físico, o homem e a luta.

Portanto, A.C. consegue demonstrar o grande sentido universalizante de **Grande Sertão: Veredas**.

No ensaio «Entre Campo e Cidade», o A. propõe uma nova faceta da obra de Eça de Queirós, procurando demonstrar que o romancista sempre oscilou entre o elemento urbano e o campesino e que o processo evolutivo leva do primeiro ao segundo aspecto.

Assinala o ensaísta, no início do estudo:

“Observada no conjunto, mesmo de maneira superficial, a obra de Eça de Queirós se apresenta em grande parte como diálogo entre campo e cidade, — ora predominando a nota urbana, ora fazendo-se ouvir mais forte a nota rural.” (p. 31).

Logo em seguida, o ensaísta tece considerações onde se percebe claramente a superação do problema literário para atingir uma generalização de ordem sociológica, para depois voltar-se a alguns tipos dos vários romances de Eça, que mostram êste constante diálogo entre campo e cidade.

Quanto à problemática do sentido urbano de Eça de Queirós em sua obra, A.C. prefere ver o que chamou de “apogeu do urbanismo» (p. 38) não em um romance, mas em *A Correspondência de Fradique Mendes*. Mais adiante, situa *Os Malas* como posição fundamental neste processo de transição do urbano para o campesino e finalmente estuda os dois romances *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras* como fase final do processo, acentuando-se as notas rurais na ficção de Eça de Queirós. Conclui o ensaísta afirmando que “o campo sempre foi oportunidade para algumas das suas melhores descrições e ambientes mais sugestivos»... (p. 47).

No estudo *Da Vingança*, êste elemento é visto dentro do processo evolutivo do romance de Alexandre Dumas, *O Conde de Monte Cristo*.

O A inicia com a citação de um trecho da obra e depois de algumas considerações onde se nota uma certa preocupação eruditiva, em páginas mais adiante passa a estudar *O Conde de Monte Cristo* como um tratado de vingança.

Procede-se a um estudo paralelo do desenvolvimento da vingança e do Romantismo, chegando-se à conclusão de que “O recuo de Monte Cristo, senão um imperativo lógico de tóda hipertrofia individualista, é também uma renúncia aos riscos de Romantismo criador.» (p. 27).

Neste ensaio, mas que em todos os outros, nota-se a preocupação do A. de alicerçar suas idéias acêrca do citado romance francês, através de ligações com outras obras, outras personagens e outros autores. Aqui está mais evidenciada a facilidade com que o ensaísta estabelece o processo comparativo nos problemas literários.

Em “Catástrofe e Sobrevivência”, A.C. adverte que se trata do eixo do livro e estuda os problemas humanos das personagens de Joseph Conrad e também das técnicas literárias propostas por obras como *Lord Jim* e “The Secret Sharer”.

No início do ensaio, observa A. C. que, embora ocorra a presença do mar e de elementos exóticos nas criações de Conrad e mesmo sendo o escritor inglês marinho, «não se sentia «escritor do mar”, — pois a sua preocupação foi sempre, e cada vcz mais, apresentar uma visão dramática do homem, independente das circunstâncias de lugar». (p. 59)

A nosso ver, a grande virtude dêste estudo, em tórno de Joseph Conrad, reside na superação da problemática humana nas personagens da ficção, para a apresentação de uma dramática universal do ser, frente a problemas fundamentais. Com isto, o novelista inglês supera o exótico, o sentido local, chegando a uma grandiosidade, que está, por exemplo, em *Lord Jim* e outras criações.

Finalmente na parte "extraprograma", "Melodia Impura», A.C. tece considerações "sobre o gosto e as experiências musicais", como esclarece no prefácio.

Destaca duas figuras na preferência do romancista francês: Mozart e Rossini.

O ensaio tem importância por duas facetas: em primeiro lugar, por trazer um novo ângulo de observação de Stendhal, mostrando como se iniciou e como se desenvolveu sua atração pela música. Em segundo lugar, por assinalar a preocupação constante daquele que faz arte literária, com a arte musical, numa nova demonstração de que as artes podem e devem se unir.

Concluindo, cremos ter justificado a importância de Tese e Antítese, que, como livro de ensaios, apresenta grandes méritos, não só pela qualidade das idéias críticas, como também pelas inúmeras picadas que abre a novos estudos acerca de autores e obras literárias aqui abordados.

JOÃO DECIO